
Comentários ao texto *Agentes Sociais no Paraná*, de Francisco Magalhães Filho

Igor Zanoni Constant Carneiro Leão*

O texto do querido professor Francisco Magalhães, publicado em 1995, auge do neoliberalismo no Brasil e das reformas que prometiam um retrocesso ao desenvolvimento produtivo e a conquistas sociais consagradas na história brasileira da luta contra a desigualdade e a falta de democracia que sempre caracterizaram, pelo menos até recentemente, nosso país, traz bem as marcas de suas preocupações políticas e existenciais.

Homem público exemplar, estudioso e em grande medida inteligente autodidata, que assistiu *in loco* os últimos cinquenta anos da vida pública brasileira e paranaense, sempre se manteve como um coerente intelectual marxista, e homem de grande generosidade e probidade. Sua incursão pelos meandros da história do Paraná desde a criação da Província do Paraná com o Marques do Paraná no século XIX se faz buscando na experiência política e nos interesses materiais presentes, os quais chama de agentes sociais, um conceito com vinculações com o de classe e de frações de classe tanto quanto delas é possível dizer nesse Brasil fluido e acomodaticio, nem por isso menos conservador e tendendo ao recurso da força, aplicando-o ao exame da trajetória a um tempo política e social e mesmo econômica do espaço regional.

Estou longe de tentar problematizar essa tentativa, que vejo como corajosa, à medida que é um canto para uma burguesia industrial local que por vezes parece se formar e empolgar o poder conduzindo um processo político e social virtuoso para o conjunto da sociedade local, perdendo-se, entretanto, na luta política nacional em um estado basicamente agrário e exportador, com forte constelação de riquezas naturais e interesses tradicionais ligados a sua exploração. O que caracteriza a burguesia ervateira é sua transformação em um complexo de figuras empresariais diversas, nos moldes do que ocorreu com a cafeicultura capitalista paulista em anos mais recuados e que dá a chave do primeiro surto industrial no País.

Perpassa o texto a preocupação com as forças que surgem e se mobilizam para modificar os mecanismos do poder em uma região que assiste a um vertiginoso crescimento e mudança estrutural após a industrialização brasileira, lembrando as propostas e a organização do espaço público e administrativo por parte de grandes figuras históricas por trás do Paraná que hoje temos diante dos olhos, como Ney Braga.

*Doutor em economia pela Universidade Estadual de Campinas. É professor associado do Departamento de Economia da Universidade Federal do Paraná. Endereço eletrônico: igorzaleao@yahoo.com.br.

Mas o crucial no texto a meu ver é a preocupação com a restauração democrática da segunda metade dos oitenta, que faz com que o quadro político se complexifique na medida em que o bloco no poder não se rompe, mas é obrigado a repartir espaço com outras frações da burguesia num quadro de restauração democrática que potencia a ação de outros agentes sociais ligados a interesses de grandes camadas populares, muitas delas novas, criadas no âmbito do último alento da industrialização pesada no Brasil, ainda na ditadura militar. Ao mesmo tempo, este é o momento em que um novo grande capital monopolista internacional busca sua hegemonia através das políticas e práticas neoliberais. Há elementos novos que toldam seja a continuidade da democratização, seja o avanço da industrialização no sentido de finalmente se voltar para históricas precariedades no tecido nacional do País, no plano dos seus mecanismos de solidariedade e formação de uma sociedade democrática de massa.

Este panorama ocorre no estado em um processo de retorno problemático dos antigos partidos políticos e de difícil reconstrução de canais de expressão política dada a incoesão interna dos partidos criados após 1979, dentro de um debate marcado pelo discurso individualista que no plano mundial vem com o novo conservadorismo que emana dos grandes centros e empolga o governo brasileiro por toda a década de noventa. Nesse contexto, no Paraná é difícil vincular classes e frações de classes com partidos, mesmo porque vão também se apagando especificidades regionais com o avanço do Paraná como estado de economia moderna, com um grande setor metal-mecânico e uma agroindústria internacionalizada de primeiro plano.

O PMDB, aí, manteve uma característica de frente, com representação do capital local, das classes médias novas e tradicionais, segmentos da pequena burguesia abrindo-se a fortes interesses empresariais como os ligados à agroindústria e às cooperativas. Outras facções políticas somam-se ao bloco no poder de formas programaticamente díspares, como o PSDB, o PDT, PTB e PFL.

Ao mesmo tempo, o número de trabalhadores no campo sob condições de exploração capitalista, o aumento do número de trabalhadores na indústria metropolitana, em especial, e as grandes populações marginalizadas ainda não haviam encontrado no PT um escoadouro, o que foi um produto *a posteriori* após uma grave crise econômica em finais dos anos noventa que coincidiu com as mais agudas críticas, e com sua generalização, ao modelo neoliberal que cerceava direitos sociais, diminuía a presença do estado como agente de coordenação política de mudanças econômicas e sociais em nome de um mercado magicamente autorregulado e maximizador da felicidade coletiva.

Este momento angustiante é o momento em que o professor Magalhães repensa a trajetória do Paraná olhando para os vários, muitos novos, segmentos da sociedade civil, rear-

ticulação partidária, luta intensa que ultrapassa o Estado do Paraná, pois se configura em nível mundial. Nesta época ele atua em várias frentes. Na frente mais modesta de professor universitário, seguindo determinações do presidente Itamar Franco após o escândalo Collor de Mello, o professor Francisco Magalhães monta um programa de Economia e Ética no Departamento de Economia da Universidade Federal do Paraná que, começando com as abordagens clássicas que ligam a ética à virtude e esta ao bom funcionamento do governo, termina com uma exposição detalhada do individualismo como princípio ordenador da sociedade moderna que põe em risco precisamente esta sociedade, ao fazer do valor de troca e da ação sem virtude do dinheiro o fundamento do poder.

O professor Francisco Magalhães chegava aos seus últimos anos de vida produtiva com sua incansável coerência, amor legítimo por seu país e seu povo, mantendo-se sempre como um grande mestre de todos que, como nós, amamos e procuramos entender o Brasil e o Paraná.

